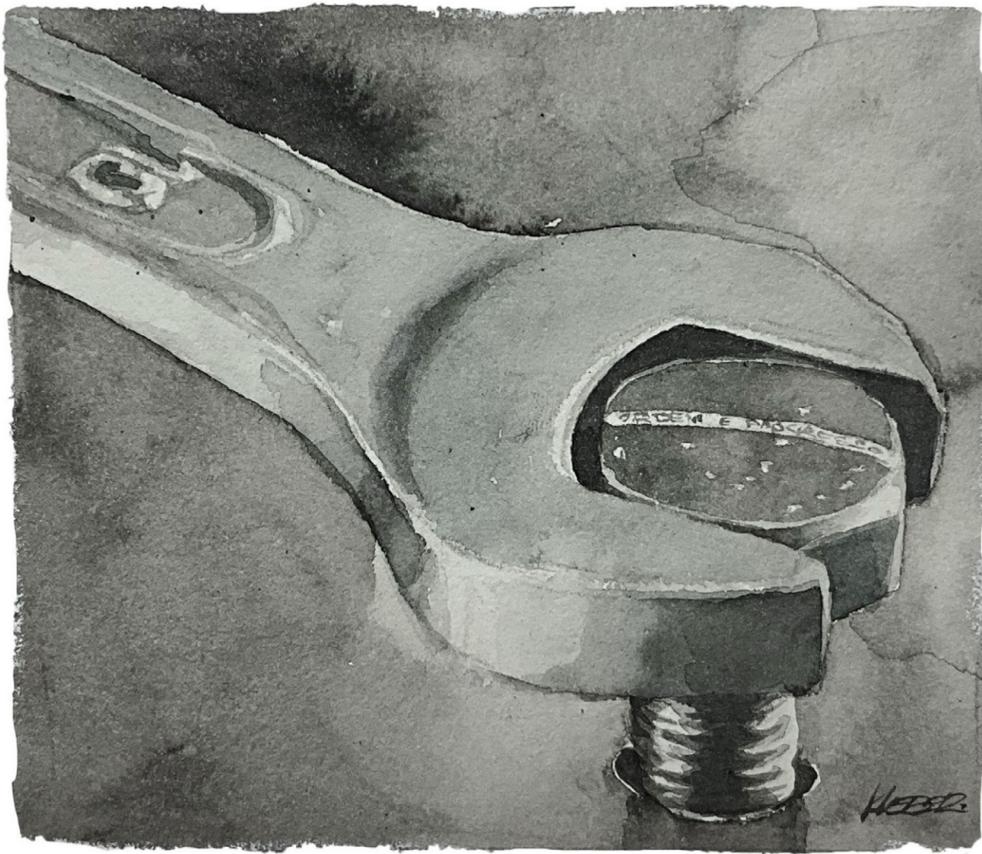


Ministério do Trabalho e Emprego renasce na batalha pelos direitos dos trabalhadores



» LUIZ MARINHO
Ministro do Trabalho e Emprego

Neste 1º de Maio de 2024, Dia do Trabalho, as trabalhadoras e trabalhadores no Brasil, nas suas mais diversas atividades, seja no campo, na cidade ou nas florestas, têm bons motivos para celebrar as nossas conquistas, após o renascimento da democracia brasileira, iniciado em janeiro de 2023, com a nova gestão do presidente Lula, que voltou a defender os direitos básicos da classe trabalhadora.

É importante comemorar e refletir sobre a importância de um mercado de trabalho vigoroso para o desenvolvimento da nossa economia e melhoria de vida para a nossa população. Não podemos perder de vista essa bússola, para avançar na direção certa, e nem descuidar dos possíveis sinais de alarme, para que essa vitalidade não seja interrompida em mais um “voo de galinha”.

A reconstrução do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), iniciada em 2023, apresenta resultados valiosos. O quadro mais recente mostra que, no período de 15 meses, foram criados 2,19 milhões empregos com carteira assinada. Nos primeiros três meses deste ano, foram gerados 720 mil empregos, 34% a mais do que no mesmo período de 2023, conforme dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Temos a valorização de todos os salários das mais diversas categorias

profissionais, que também foram reajustados acima da inflação. Desde 2010, o mercado de trabalho brasileiro não apresentava tanto vigor de indicadores como neste ano.

É visível o processo liderado pelo presidente Lula, de pensar num país grande. Temos que sair do ambiente da mediocridade de mentalidade, como visto recentemente no país, para o pensamento de que é possível o Brasil se colocar no mundo como possibilidade de ser um dos endereços mais seguros de investimentos.

As políticas públicas que, em pouco mais de um ano, tiraram 24 milhões e 400 mil homens, mulheres e crianças do pesadelo da fome e a valorização de todos os salários das mais diversas categorias profissionais, que também foram reajustados acima da inflação, resgatam a esperança dos brasileiros e brasileiras.

Mas não basta aumentar a oferta de empregos. É preciso lutar contra a precarização do trabalho no Brasil e em todas as partes do mundo. Por isso o presidente Lula e o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, firmaram, no ano passado, uma parceria importante pelos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras e em defesa do trabalho decente. Porque não são as máquinas, não é o dinheiro, não são os aplicativos, os algoritmos ou a inteligência artificial. São brasileiros e

brasileiras, de carne e osso, que fazem valer cada gota do seu suor. E que merecem a parte justa da riqueza que produzem.

Nessa trilha, entregamos, para a análise do Congresso Nacional, o Projeto de Lei 12/24, que propõe regulamentar o trabalho de motorista de aplicativo para transporte de passageiros. O objetivo é garantir um pacote de direitos trabalhistas e previdenciários sem interferência na autonomia que eles têm para escolher horários e jornadas de trabalho.

Para estabelecer a obrigatoriedade de promoção da igualdade salarial entre trabalhadoras e trabalhadores que exerçam trabalho de igual valor, ou atuem na mesma função, o governo divulgou, no fim de março, o 1º Relatório Nacional de Transparência Salarial e de Critérios Remuneratórios, que revela que as trabalhadoras mulheres ganham 19,4% a menos do que os trabalhadores homens no Brasil.

O momento é importante para fixar a luta da classe trabalhadora por melhores condições. Há muito por fazer, com certeza, e para todos os segmentos de trabalho. Seja trabalhador doméstico, seja quem está buscando montar o seu próprio empreendimento. Vamos oferecer à classe trabalhadora o que ela mais precisa, que é a oportunidade do emprego. O mercado de trabalho está oferecendo essas oportunidades, portanto, vamos juntos.

Abrace Brasília, 38 anos

» ROBERTO NOGUEIRA FERREIRA
Primeiro presidente da Abrace e um dos fundadores

Ética e transparência, como princípio. Transformar dor em amor, como lema. Cura, como objetivo. Primeiro de maio de 1986. Nove pais e mães de crianças em tratamento de leucemia no Hospital de Base de Brasília (HBB) reúnem-se e fundam a Associação Brasileira de Assistência às Famílias de Crianças Portadoras de Câncer e Hemopatias (Abrace). Iniciava-se, naquele momento, uma guerra santa, transformadora de dor em amor.

Recorro a Fernando Pessoa, o grande poeta lusitano: “Todo começo é involuntário, Deus é o agente”. Deus estava presente na sala de minha casa, onde eu e minha mulher, Maria Angela Marini, presidente da Abrace, nos últimos seis anos, recebíamos os outros cavaleiros da esperança e da fé.

A Abrace, desde sua origem, é uma ONG fora dos padrões convencionais. Ela é um conceito, cuja ideologia é o amor. Não há vínculos políticos, interesses econômicos, nem a intenção de ocupar espaços dessa natureza. Nascida para colaborar com o poder público, melhorar as condições de atendimento hospitalar e “abraçar” as crianças com câncer e seus pais, unidos em suas tragédias individuais.

Abrçada pela Brasília que JK souhou e pela imprensa originária de Assis Chateaubriand, o nosso sempre presente **Correio Braziliense**, olhar para trás resulta ver, nesse tempo de discórdia, preconceitos, discursos vazios, que de fato só o amor constrói.

Resta-nos clamar pela volta do amor, para

que ele, sob o manto da solidariedade, do respeito, da doação despretensiosa, do prazer em lutar por causas nobres, no caso, pela melhoria da atenção à saúde e de seus profissionais, médicos, enfermeiros, abnegados, quase sempre mal avaliados pela sociedade e mal remunerados pelo poder público, em que ambos não se dão conta das condições, às vezes, degradantes dos locais onde acolhem com carinho e paciência os enfermos e seus familiares.

A Abrace fez e faz o que nasceu para fazer, com altivez, liberdade e independência, repito, sem interesse político e econômico de seus dirigentes e dos milhares de voluntários que a abraçaram, remunerados pelo amor que distribuem.

Conheçam a Abrace. Conheçam o Hospital da Criança de Brasília José Alencar (HCB), projeto e construção inicial bancados por recursos de doações dos colaboradores da Abrace. Sintam o poder daquela estrutura de concreto, levantada com massas de amor e sonho, na vida das crianças e das mães que as acompanham, sobretudo neste tempo de UPAs e Unidades Móveis de Atendimento. Ah, se todas as unidades médicas infantis concedessem às crianças o mesmo atendimento que o HCB oferece, inclusive psicológico, que se traduz por solidariedade e respeito, pois todos somos iguais, independentemente de cor, raça ou condição econômica e social.

A Abrace é, essencialmente, assistência social destinada às crianças e aos adolescentes com câncer e doenças hematológicas. A Abrace oferece aos assistidos e seus

familiares alojamentos dignos em sua Casa de Apoio para os não residentes no DF. Também faz pequenas reformas na moradia de residentes no DF que vivem em condições precárias que colocam em risco a eficácia do tratamento. E vai além, ao oferecer: alimentação, medicamentos, transporte, assistência odontológica e psicológica, palestras sobre a doença e apoio logístico domiciliar para os pacientes em cuidados paliativos.

A Abrace é um patrimônio imemorial de Brasília, como sonharam seus fundadores. Ela é resultado do esforço coletivo, da união de cidadãos de boa ética, desprovidos de segundas intenções. A ideia é ajudar quem precisa, atuando coletivamente, porque só o nada se produz a sós, o bem-fazer é coletivo.

A Abrace pertence à sociedade de Brasília e deve permanecer apolítica. O conceito Abrace é dotado daquela força espiritual, humanista, que move homens públicos e não públicos na direção e no sentido de atender as necessidades reais, concretas e dolorosas das famílias de crianças portadoras de câncer, ao qual se somam outras patologias clínicas pediátricas de alta complexidade. Se a ação da classe política não atender ao homem, com eficiência e qualidade, qual a razão de ela existir?

Encerro manifestando, em nome da Abrace, gratidão por todos que dela fizeram o que hoje é.

A vida faz mais sentido, como já o disse a genial poeta Cora Coralina, se o que fazemos aquece o coração de outros.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Necessidade de arte e cultura

Com a quarentena, imposta pela pandemia, aquela parcela da sociedade que ficou confinada em seus lares, inclusive aqueles que encontraram amparo econômico por meio do trabalho em casa, tiveram, em algum momento, que buscar refúgio e paz do espírito na cultura. Ao contrário do que muita gente acredita, a cultura, incluindo tudo o que diz respeito ao universo das artes, não é mero passatempo reservado ao entretenimento e ao lazer, nem tampouco atividade para o desfrute de uma classe de pessoas privilegiadas. É muito mais do que podemos mensurar.

Um povo desprovido de produção cultural, se é que existiu algum na história da humanidade, sobrevive alheio ao mundo em redor. A cultura é a própria tradução e representação do mundo em que estamos imersos. Mesmo aquelas civilizações que devotavam todo o seu tempo e o melhor de sua gente às atividades de guerrear e submeter outros povos, como parece ser o caso dos espartanos, na Grécia clássica. Mesmo esses povos baseavam sua cultura na educação e no treinamento militar rigorosos e obrigatórios para todos os cidadãos, num regime conhecido por “agoge”.

Eles, que amavam as armas e a guerra, também cultivavam a leitura, a música, a escrita e a dança. Assim agiam também as mais diversas sociedades humanas ao longo da história. Todos, em menor ou maior grau, produziram cultura, até como uma herança social, capaz de agir como elemento aglutinador de identificação entre os indivíduos de uma sociedade, falando de seu passado e acenando para o futuro.

Para a antropologia, a cultura é o elemento que, por excelência, diferencia o homem racional de outros animais. O ser humano é, por conseguinte, um animal produtor de cultura. Aliás, a maioria dos povos, que ao longo de milênios cresceram, se desenvolveram sobre o planeta, ou mesmo foram extintos, só puderam ser conhecidos como tal, graças à produção de cultura que organizaram em seu tempo de existência.

Dentro das ciências que exploram a existência humana no mundo, a cultura é vista como elemento indutor da evolução humana, contribuindo para o aprimoramento de técnicas diversas que tornavam a vida mais proveitosa e, por consequência, mais longa. Também graças à propagação das atividades e do fazer cultural é que foi possível abrir caminhos para o combate aos problemas socioeconômicos, melhorando a autoestima dos povos, atraindo novos valores, conferindo identidade, autodisciplina e outros valores morais e éticos que foram sendo aperfeiçoados ao longo da jornada humana. Aspectos outros, como o sentimento de pertencimento a um determinado lugar, a um determinado povo, foi dado por meio do trabalho e do desenvolvimento da cultura. Há ainda, entre as mil facetas proporcionadas pela cultura, a abertura de oportunidades para a realização individual e coletiva das pessoas, aspecto fundamental e agregador de toda e qualquer sociedade, seja ela do passado ou do presente.

Não seria exagerado supor então que, por intermédio da produção cultural, é possível afirmar que a perpetuação de uma civilização está diretamente ligada à sua capacidade de gerar cultura e, portanto, conhecimento. Não é por outra razão que muitos estudiosos apontam a cultura como sendo a própria alma de um povo, capaz de dar impulso e ânimo.

Tão importante ainda quanto a identidade dada pela cultura a um povo, comumente chamada de identidade cultural, é o fato de que, por meio dos mecanismos propiciados pela cultura, surgem as possibilidades e os meios para o desenvolvimento das artes, em todas as suas vertentes. É aí que voltamos ao início do texto no que concerne à importância que a cultura exerce em momentos especiais, sobretudo numa época em que tangidos pelo medo da doença e da morte, os indivíduos buscam na cultura e no seu mais importante produto: as artes, a possibilidade de sentir-se iguais, desfrutando do mesmo destino, seja em tempos de paz seja de guerra. O teatro, a música, o cinema, a poesia, as artes plásticas e uma infinidade de outras realizações do gênio humano tornam a jornada humana sobre o planeta uma experiência que vale ser vivida, não importando o que se passa lá fora.

Nesse aspecto não importa se a cultura é erudita ou popular. O efeito terapêutico sobre as diferentes pessoas é o que importa. E como importa. Dentro desse contexto, é crucial reforçar a contribuição dada pelas mídias sociais na divulgação dos mais variados temas artísticos e culturais. Ouve-se de pagode à música erudita, num toque de dedos.

Bibliotecas de todo o mundo estão ao alcance de todos nas redes. Do ponto de vista cultural, as mídias sociais possibilitam desde visitas virtuais a museus e a outros sítios de interesse histórico, como levam o internauta a dar um giro pelo mundo sem sair do lugar.

Para muitos, é nas ruas ou na sala de visita comum e coletiva que podemos desfrutar a vida com todo o seu potencial, ao vivo e a cores. Há as cidades mais providas de equipamentos de cultura, como teatro, galerias, museus e outros centros culturais, e outros lugares áridos de cultura, sem espaços adequados para o exercício da cidadania e das artes. Que nossos governantes tenham sensibilidade para perceber os esforços dos verdadeiros trabalhadores das artes.

» Frase que foi pronunciada

“A arte não é um espelho que representa a realidade, mas um martelo para moldá-la.”

Bertold Brecht

» História de Brasília

A situação do IAPC, em Brasília, é dramática, pelo abandono votado pelo Distrito Federal pelo presidente do Conselho Administrativo. E justamente por causa do sr. Pery Rodrigues, os funcionários não terão apartamentos novos. (Publicada em 7/4/1962)